



Opinião Econômica

Solange Srour

Economista-chefe do
Credit Suisse Brasil



Trump 2.0 irá prejudicar os chamados ‘animal spirits’?

Cenário permanece incerto e não traz conforto para países com vulnerabilidades

O conceito de “animal spirits” foi popularizado pelo economista John Maynard Keynes em 1936. Ele se refere à influência das emoções e da confiança nas decisões de consumo, investimento e poupança. Keynes argumentava que, além de fatores racionais, como taxa de juros e produtividade, aspectos subjetivos também influenciam a economia.

Logo após as eleições presidenciais nos EUA, os mercados começaram a avaliar se o excepcionalismo econômico do país com forte crescimento e inflação em queda seria mantido. O fato de a agenda do novo governo ser tão ampla e complexa incluindo tarifas, política fiscal, desregulamentação, imigração, entre outras frentes gera incertezas sobre o impacto final para a economia, especialmente para o crescimen-

to e a inflação.

Uma escalada de tarifas, que evoluísse para uma guerra comercial generalizada, com o potencial de resultar em estagnação, está no topo das preocupações. Já uma grande consolidação fiscal, por meio de cortes de gastos, reduziria o crescimento de curto prazo, mas traria juros de longo prazo mais baixos.

Por outro lado, a manutenção de baixos impostos corporativos, ou até mesmo novas reduções, favoreceria o investimento, ao mesmo tempo que levantaria preocupações sobre a sustentabilidade da dívida. Deportações em massa, que reduzam a força de trabalho, são outro fator potencialmente negativo para o crescimento, enquanto uma ampla desregulamentação de vários setores pode aumentar o

PIB potencial.

Até agora, as medidas adotadas em relação a tarifas, gastos e imigração têm sido muito erráticas e nada garante que não possam se tornar extremas no futuro próximo. A economia americana começou o ano com um bom impulso, já que o crescimento do ano passado foi forte, o que proporciona uma margem razoável para absorver incertezas. No entanto, dados recentes indicam vulnerabilidades na atividade econômica, afetando particularmente a confiança dos consumidores e as expectativas de inflação.

O índice de confiança do Conference Board Board teve uma rara queda de 7 pontos em fevereiro a terceira consecutiva. A retração foi ampla entre diferentes faixas etárias e níveis de

renda, com consumidores mais pessimistas em relação às condições atuais e futuras do mercado de trabalho, perspectivas de renda e de negócios. Outros indicadores de confiança divulgados foram na mesma direção.

Em relação à inflação, as tarifas mais altas aparentemente ainda serão implementadas, mas já influenciam as expectativas. Em um horizonte de dois anos, a inflação implícita dos títulos indexados (TIPS) saltou de 2% no final de 2023 para 3,1% atualmente, bem acima da meta de 2%. A inflação implícita de um ano está em 4%, contra cerca de 1% há alguns meses. Diversas pesquisas com consumidores em relação às suas expectativas para inflação corroboram esse cenário.

Os mercados, em geral, reagem às mudanças na percepção

sobre crescimento e inflação. Ou seja, são voláteis e vulneráveis a grandes oscilações baseadas em notícias econômicas e políticas. Isso, combinado com a queda da confiança e o aumento das expectativas inflacionárias, pode gerar impactos econômicos independentemente de as políticas serem efetivamente implementadas.

Embora seja difícil prever com precisão qual nível de preços de mercado e sequência de dados econômicos poderiam levar o governo Trump a reconsiderar suas políticas, o padrão atual de ameaças seguidas de recuos sugere que eventuais equívocos serão corrigidos ao longo do tempo. No entanto, o cenário permanece bastante incerto e não traz conforto para países com vulnerabilidades evidentes como é o nosso caso.

Abre tua Conta Digital pelo app e arrasa



- Sem mensalidade
- Sem comprovantes
- Com Cartão de Crédito*

Baixa o app:



banrisul
*Sujeito à análise de crédito.

Indústria calçadista gera 3,8 mil vagas de trabalho em janeiro no País

/ INDÚSTRIA CALÇADISTA

A indústria calçadista brasileira criou 3,88 mil postos de trabalho em janeiro, número 1,3% superior ao registrado no mesmo mês de 2024. O setor encerrou o primeiro mês de 2025 com 286 mil empregos diretos. Os dados foram elaborados pela Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), com base

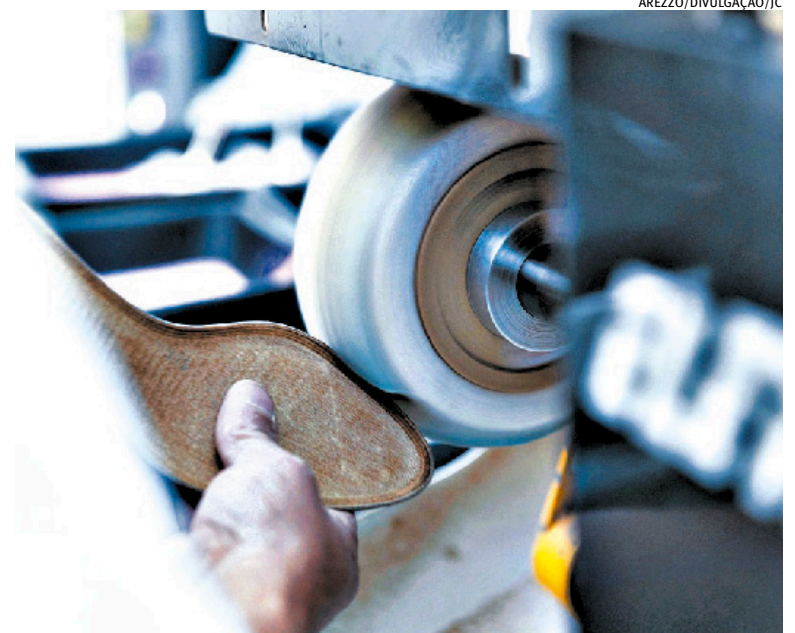
nos números do Caged/Rais.

Segundo o presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, embora a criação de postos em janeiro seja sazonal, esse foi o maior número de empregos gerados no mês desde 2023. “Contudo, ainda está abaixo da média histórica do mês - computada desde o ano 2000, que é de 4,8 mil novas vagas”, explica.

Ferreira projeta que o núme-

ro de postos siga em elevação ao longo do ano, visto a expectativa de crescimento de 2% na produção de calçados em 2025. “Apesar das incertezas, no mercado nacional e especialmente internacional, estamos prevendo esse crescimento que, embora tímido, irá recuperar as perdas produtivas ocasionados pela pandemia, desde 2020”, completa o dirigente, acrescentando que a performance do setor na BFSHOW, principal feira de calçados da América Latina que acontecerá em maio, em São Paulo, deve trazer um panorama mais assertivo para o restante do ano.

O Rio Grande do Sul segue liderando a geração de vagas na indústria calçadista, com 523 postos criados em janeiro, encerrando o mês com um estoque de 81,42 mil empregos diretos, 3,3%



AREZZO/DIVULGAÇÃO/JC

Rio Grande do Sul segue liderando a geração de vagas no segmento

menos do que no mesmo período do ano passado.

Na sequência entre os estados que mais empregam na atividade aparecem o Ceará (com a perda de 252 postos em janeiro e estoque de 68,85 mil empregos, 7,3% mais do que no mesmo mês

de 2024), Bahia (com 851 postos criados em janeiro e estoque de 41,72 mil empregos, 2,5% mais do que em 2024) e São Paulo (com 1,3 mil postos criados em janeiro e estoque de 31,7 mil empregos, 3,3% mais do que no mesmo mês de 2024).

Empregos no setor por estado

RS: 81,42 mil empregos diretos (-3,3% em relação a 2024)

CE: 68,85 mil empregos diretos (+7,3% em relação a 2024)

BA: 41,72 mil empregos diretos (+2,5% em relação a 2024)

SP: 31,7 mil empregos diretos (+3,3% em relação a 2024)

Total: 286 mil empregos diretos (+1,3% em relação a 2024)

FONTE: ABICALÇADOS